

ENSAIO

PARADIGMATISMO OU MULTIPARADIGMATISMO, EIS A QUESTÃO? O DILEMA DO ESTUDANTE DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PESQUISA ACADÊMICA EM ADMINISTRAÇÃO

PARADIGMATISM OR MULTIPARADIGMATISM, THAT IS THE QUESTION? THE POSTGRADUATE STUDENT'S DILEMMA IN ACADEMIC RESEARCH IN ADMINISTRATION

RESUMO

Janayna Souto Leal
leal.janayna@gmail.com
*Doutora em Administração
pela Universidade Federal da
Paraíba. professora no Curso do
Bacharelado em Administração
na Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB). Campina
Grande - PB - BR.*

Thaís Teles Firmino
thaistfirmino@gmail.com
*Doutora em Administração
pela Universidade Potiguar.
Professora do Instituto Federal
do Rio Grande do Norte -
Campus Natal/Zona Norte.
Natal - RN - BR.*

Josiete da Silva Mendes
josiete.mendes@upe.br
*Doutoranda em Administração
pela Universidade Federal
de Santa Catarina (UFSC).
Professora Assistente na
Universidade de Pernambuco
(UPE) - Campus Salgueiro.
Salgueiro - PE - BR.*

Bruna Lourena de Lima Dantas
brunalimadantas.adm@gmail.com
*Doutora em Administração
pela Universidade Federal
da Paraíba. Professora na
Universidade Federal do
Pernambuco. Recife - PE - BR.*

Neste ensaio, buscamos apresentar e refletir sobre os dilemas associados à escolha da natureza paradigmática ou multiparadigmática, considerando que esta caminhada pode significar uma expansão ou limitação para o estudante de pós-graduação no panorama da pesquisa acadêmica em Administração. Nesse sentido, propusemos que o cerne da questão deve ser a dissolução de estruturas restritivas, em particular as políticas, a fim de que o discente de pós-graduação possa definir e assumir suas escolhas teóricas e metodológicas a partir de sua bagagem acadêmica, profissional e pessoal. Com esta discussão, pretendemos o fomento de trabalhos que abordam e discutem a temática de maneira a compreender a realidade e os desafios do ambiente de pesquisa do estudante de pós-graduação na comunidade científica da Administração.

Palavras-chave: paradiigmatismo; multiparadigmatismo; pós-graduação.

ABSTRACT

In this essay, we seek to present and reflect on the dilemmas associated with the choice of paradigmatic or multiparadigmatic nature, considering that this journey can mean an expansion or limitation for the postgraduate student in the panorama of academic research in Administration. In this sense, we proposed that the core of the issue must be the dissolution of restrictive structures, particularly political ones so that postgraduate students can define and assume their theoretical and methodological choices based on their academic, professional, and guys. With this discussion, we intend to encourage work that addresses and discusses the topic in order to understand the

reality and challenges of the postgraduate student research environment in the Administration scientific community.

Keywords: paradigmism; multiparadigmism; postgraduate studies.

1 INTRODUÇÃO

Toda pesquisa científica precisa de um ponto de partida, ou seja, necessita de uma estrutura, uma base que ofereça condições de sustentação a seu desenvolvimento. Dentro desse contexto, Duberley e Johnson (2015) afirmam que a metodologia é a abordagem global da pesquisa ligada ao quadro teórico em uso, sendo influenciada por um paradigma, termo que resume a visão particular do mundo do sujeito e, como tal, personifica a sua visão da “realidade”, sobre as quais as suas práticas são fundamentadas e suas suposições são assumidas.

Logo, partimos do princípio de que um paradigma de pesquisa surge de determinadas crenças e pressupostos que temos sobre a realidade, isto é, sobre como as coisas são (ontologia) e sobre a forma como consideramos que o conhecimento humano é elaborado e estruturado (epistemologia) (Sacol, 2009). De fato, o resultado desse conjunto que envolve crenças e pressupostos acaba por promover e nortear que tipo de método será trabalhado, acarretando um desenho de pesquisa e incluindo decisões relativas às técnicas de coleta e de análise dos dados a serem utilizadas pelo pesquisador; ou seja, percebe-se que as suas decisões não são extraídas meramente ao acaso, mas subsidiadas por um enraizamento de ideias e convicções do pesquisador que podem materializar-se em diversas formas de pensar, ver e crer o mundo. Tais formas constituem os paradigmas da pesquisa científica no campo da Administração.

No que compete à promoção de uma melhor visualização e entendimento das pesquisas em Administração, Burrell e Morgan (1979) propuseram uma adoção paradigmática

de modo a proporcionar uma análise e discussão da teoria social em geral e a teoria das organizações em particular, apresentando uma alternativa ao positivismo, enfoque científico prevalecente da pesquisa até então (Silva; Roman Neto, 2006). Conhecidos como os quatro paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan (1979), foram nomeados da seguinte forma: humanista radical, estruturalista radical, interpretativista e funcionalista (Silveira, 2013).

Em vista disso, a questão relativa à execução da pesquisa era, aparentemente, prática, eficiente e com uma manipulação bem resolvida. Porém, ao ter contato com os paradigmas mais difundidos na pesquisa acadêmica, o pesquisador se viu em um cenário exploratório de possibilidades e que, em certos momentos, o desafiava e o instigava a “cruzar” as fronteiras daquilo que foi predeterminado como algo único e incisivo para a sua produção. A miscelânea entre ideias e teorias tornava-se uma perspectiva real, exequível e que oferecia indagações para os estudiosos do tipo “mas, por que não?”

Assim, apesar da contribuição dos paradigmas propostos por Burrell e Morgan (1979), começou-se a pensar em vias para minimizar o embate entre a subjetividade dos paradigmas e o seu caráter regulatório com a difusão de perspectivas diversificadas. Desse contexto nasce o multiparadigmatismo, que propõe a criação de novos *insights* apoiados em bases ontológicas e epistemológicas diversas, facilitando alcançar facetas diferenciadas do fenômeno organizacional (Gioia; Pitre, 1990).

Como contraponto ao questionamento da incomensurabilidade paradigmática, a postura multiparadigmática procura indicar uma visão holística, argumentando que, teoricamente, cada paradigma tem a sua incompatibilidade, conforme as suas concepções centrais; porém, isso não quer dizer que as suas fronteiras sejam intransponíveis. Ao se tratar do *modus operandi* da pesquisa, o tema traz discussões e indagações significativas para a área, pois é certo que não se estabeleceu ou não se

comprovou, até os dias atuais, onde começa e onde termina um paradigma, o que se traduz em um delineamento de pesquisa de execução complexa e desafiadora.

E, dentro dessa dicotomia (paradigmatismo ou multiparadigmatismo) na pesquisa científica, surge o estudante de pós-graduação, sujeito em formação e desenvolvimento, pavimentando a sua postura e as consequentes escolhas na trajetória acadêmica. Este é um percurso que requer alternativas, e tais escolhas devem ser fundamentadas e assumidas com aquilo que, na prática, ele trate como elementos que coadunam com o seu posicionamento. No entanto, tal como Hamlet, famoso personagem escrito por William Shakespeare em “*A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca*”, declara em sua célebre frase “*To be, or not to be, that is the question*” (*ser ou não ser, eis questão*), o estudante de pós-graduação também passa por conflitos internos que remetem a sua posição na escrita acadêmica, gerando um questionamento similar, ou seja, paradigmatismo ou multiparadigmatismo, eis a questão.

Conforme Barbosa et al. (2013, p. 637), “a opção do pesquisador por uma abordagem paradigmática desdobra-se nas teorias que nela se abrigam, na metodologia a ser adotada e na possibilidade de diálogos com outras teorias”. Em decorrência disso, se, por um lado, os paradigmas orientam a geração de conhecimento para uma comunidade científica, por outro eles passam a ter consequências não tão positivas, como exemplo a exigência de limites cognitivos para os pesquisadores, afastando-os da ideia de transpor as divisões paradigmáticas.

Ao mesmo tempo, vale lembrar que, no ambiente acadêmico, isso vem acompanhado de outros fatores. No que diz respeito à produção de conhecimento científico, os ‘neopesquisadores’, isto é, pesquisadores iniciantes, não encontram apenas dúvidas relacionadas a epistemologias, metodologias, teorias e objetivos, mas também problemas de ordem política. Conflitos de poder entre indivíduos, tais como alunos, professores ou

grupos com opções axiológicas, ontológicas e epistemológicas, hipóteses e agendas de pesquisa distintas podem influenciar o sujeito, dependendo do seu contexto de inserção (Bourdieu, 2004; Clegg; Hardy, 2010).

Dessa forma, entendemos que são diversos os fatores associados ao dilema do paradigmatismo ou multiparadigmatismo no ambiente de pesquisa do estudante de pós-graduação. Partindo desse raciocínio, neste ensaio, propusemos que o cerne da questão deve ser a dissolução de estruturas restritivas, em particular as políticas, a fim de que o discente de pós-graduação possa definir e assumir suas escolhas teóricas e metodológicas por meio de sua bagagem acadêmica, profissional e pessoal. Reafirmamos a importância e necessidade da orientação nessa trajetória, uma vez que o estudante também realiza essas descobertas em parceria, inclusive, no que tange à trilha percorrida entre os paradigmas e epistemologias.

A justificativa para escrita deste ensaio reside no esforço em originar uma reflexão sobre como a adoção de abordagens tradicionais (e, ao mesmo tempo, excludentes) ou abordagens alternativas (de cunho integrativo) traz questionamentos, dúvidas e incertezas no cotidiano do estudante de pós-graduação, tendo em vista que escolhas serão efetuadas inevitavelmente. Estas geram consequências na formação do acadêmico que acabam se tornando indissociáveis do profissional que atuará na docência e na pesquisa na Administração.

2 PARADIGMATISMO

O termo ‘paradigma’, empregado e difundido correntemente na figura de vocábulos como *modelo*, *exemplo*, *padrão a seguir*, teve o seu desenvolvimento conceitual promovido por Thomas Kuhn na obra “*A estrutura das Revoluções Científicas*”, publicada em 1962 (Araújo, 2012; Hassard, 2015). Nascida da sua monografia, enquanto estudante de física em Harvard, traz uma análise centrada na afirmativa de que a história da ciência tem,

consistentemente, testemunhado “convulsões” em que a sabedoria aceita é substituída por uma nova maneira de ver, de enxergar. Tal processo vem servindo para alterar, fundamentalmente, o conceito e a percepção da realidade.

Partindo desse princípio, quando a ciência muda, surge uma nova abordagem baseada nos axiomas filosóficos e, conseqüentemente, em uma comunidade científica alternativa. Dessa forma, a nova tradição, assim como a antiga, é o que Kuhn designa como paradigma (Hassard, 2015). Cabe destacar que, em “*Tensão Essencial*”, obra publicada em 1977, o autor reescreve a noção de paradigma, transformando-a em alguns elementos e oferecendo um conceito flexível em alguns aspectos, denominando-a de ‘matriz disciplinar’ (Araújo, 2012).

Essa matriz, contendo um conjunto de pressupostos organizados em pilares ontológicos, epistemológicos e os seus respectivos dualismos, além de questões metodológicas e de natureza humana, promoveu a inspiração para aquele que seria o modelo mais utilizado nos Estudos Organizacionais: os paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan (1979). Funcionando como uma espécie de lente, a sua disposição é composta por uma matriz com quatro quadrantes: **Funcionalismo** (Objetivo/Regulação), **Interpretativismo** (Subjetivo/Regulação), **Estruturalismo Radical** (Objetivo/Mudança Radical) e **Humanismo Radical** (Subjetivo/Mudança Radical) (Silveira, 2013), conforme visualizado na figura 1.

Figura 1 – Os Quatro Paradigmas Sociológicos de Burrell e Morgan (1979)

		Mudança Radical			
Subjetivo		Humanismo Radical (Teoria crítica)	Estruturalismo Radical (Marxismo e teoria social russa)	Objetivo	
		Interpretativismo (Hermenêutica, etnometodologia e interacionismo simbólico fenomenológico)	Funcionalismo (Teoria dos sistemas sociais, teoria da ação social, behaviorismo, determinismo e empiricismo abstrato)		
		Regulação			

Fonte: adaptado de Morgan (1980).

O paradigma **funcionalista** traz consigo a marca daquilo que é real, concreto e sistemático, guiado a dar um caráter ordenado e regulado, procurando explicar o mundo por meio de relações causais entre os seus elementos. O **interpretativista** parte da conjectura de que a realidade social existe, mesmo que não se tenha acesso direto e imediato a ela (apenas mediado), e que o mundo possui um *status* social ontológico precário, sendo resultado de um produto de experiências subjetivas e intersubjetivas dos indivíduos. O **humanista radical** prega o arranjo da visão subjetivista das Ciências Sociais com a teoria de mudança radical da sociedade, enxergando o mundo por meio de uma perspectiva nominalista, antipositivista, voluntarista e ideográfica. E, por

último, o **estruturalismo radical**, que alinha a filosofia objetivista das Ciências Sociais com a teoria da mudança radical da sociedade, apoiando-se na teoria marxista e amparada por estruturas ontologicamente reais (Silva; Roman Neto, 2006).

Quando nos deparamos com tais paradigmas e suas características, é possível que nos identifiquemos com algumas das citadas, o que tornaria aparentemente fácil assumir uma postura paradigmática de imediato. Porém, na prática, os limites entre os paradigmas não são inflexíveis, e, por vezes, o pesquisador se encontra no limiar entre eles. É nesse momento que se iniciam os primeiros questionamentos do estudante: por qual caminho seguir? Devo me aventurar em leituras desafiadoras ou seguir com o funcionalismo já conhecido? Ao mesmo

tempo, surge o posicionamento do orientador e, nesse momento, o professor tem, em suas mãos, a decisão de embarcar na aventura junto com o discente ou também trilhar uma jornada menos tortuosa, em que os elementos desconhecidos são poucos ou inexistentes.

Apesar de contíguos, Burrell e Morgan (1979) argumentam que os paradigmas devem ser vistos como separados. A explicação reside no fato de que, embora eles estejam próximos e tenham características compartilhadas, as suas distinções são de fundamental importância para garantir o tratamento e o reconhecimento das suas perspectivas na análise dos fenômenos sociais. Logo, ao propor essa abordagem a partir de quatro entidades com pontos de vista contrastantes, são gerados conceitos e ferramentas analíticas bastante diversificadas (Hassard, 2015). No entanto, há de se observar que Burrell e Morgan (1979), ao considerarem seus quatro paradigmas como fenômenos independentes, acabaram por suscitar o levantamento de questões filosóficas de incomensurabilidade e relativismo, desencadeando críticas e discussões sobre o modelo (Araújo, 2012; Hassard, 2015).

Mesmo diante de tais reações, não há como negar que os paradigmas metateóricos propostos por Burrell e Morgan (1979) contribuíram, consideravelmente, para os estudos na teoria organizacional. Este feito deve-se aos resultados na demarcação sobre a natureza do fenômeno organizacional (ontologia), do conhecimento desses fenômenos (epistemologia) e, por fim, das maneiras pelas quais podemos estudar tais fenômenos (metodologia) (Gioia; Pitre, 1990; Silva; Roman Neto, 2006). Formas diferenciadas de visualizar o mundo incitaram pesquisadores e estudiosos para realidades distintas nas Ciências Sociais, soando como alternativas para variados tipos de discernimento.

No entanto, cabe ressaltar que, nos Estudos Organizacionais, ainda se percebe a existência de um domínio considerável da ortodoxia funcionalista. Ao mesmo tempo, a academia começa a apostar, cada vez mais,

em trabalhos baseados em perspectivas interpretativistas e críticas. Essa configuração revela a pluralidade de pensamentos e, como consequência disso, os desdobramentos dos paradigmas na comunidade científica em Administração. A ciência não é um empreendimento cumulativo. Um novo paradigma origina-se no intuito de solucionar, decifrar, resolver problemas ou situações de uma maneira melhor que a anterior. Como resultado, surge uma nova referência, um novo olhar, um novo quadro para se observar e analisar os fenômenos. Conforme argumentado, os paradigmas viabilizam e orientam pesquisas, atuando como um guia, porém podem não se esgotar em si mesmos.

Diante de tantos posicionamentos, inquietações e agitações no meio acadêmico, referentes aos Estudos Organizacionais, discussões sobre os paradigmas tornaram-se mais frequentes. Afinal, seria possível a produção de pesquisas que negassem essa condição e abrangessem, combinassem ou integrassem os diferentes paradigmas? O tema oportuniza um debate interessante e encontra adeptos dos dois extremos. Assim, Silveira (2013) aponta que alguns pesquisadores já defendem a utilização multiparadigmática como forma de auxílio na exploração de fenômenos complexos, e que ofertam um movimento colaborativo que remete a uma reciprocidade de ideias que serão debatidas no tópico a seguir.

3 MULTIPARADIGMATISMO

Como discutido no tópico anterior, verificamos que a ideia de paradigma se concentra na orientação do pesquisador em suas trajetórias ontológicas e epistemológicas fundamentais, fornecendo uma visão geral ou um modo de pensar e refletir que retrata as crenças fundamentais do indivíduo no que tange aos Estudos Organizacionais. No entanto, diante do que foi colocado, um sujeito pode-se perguntar: mas é possível a difusão dos tais paradigmas no campo das organizações?

Há uma corrente nas pesquisas acadêmicas que defende a viabilidade de tal perspectiva, sendo denominada de ‘multiparadigmatismo’.

O surgimento do multiparadigmatismo veio como uma proposta de atenuar o embate existente entre os paradigmas em discussões envolvendo a sua categorização, relevância, posicionamentos, entre outros. Um exemplo contumaz (e rotineiro) recai no dilema dos pesquisadores em assumir características quantitativas ou qualitativas em seus métodos de pesquisas (Lima, 2011; Teixeira; Nascimento; Carrieri, 2012), sem possibilidade de diálogo ou conversação. Autores como Gioia e Pitre (1990), Schultz e Hatch (1996) e Lewis e Grimes (2005) resolveram ‘quebrar’ a concepção de inseparabilidade e ausência de interatividade que cercavam os paradigmas, desmistificando a arena que envolve a natureza paradigmática no rol das pesquisas acadêmicas.

Logo, o multiparadigmatismo assume que perspectivas oriundas de paradigmas distintos podem (e devem) estar concatenadas na intenção de produzir uma visão amplificada do fenômeno organizacional. A adoção desse tipo de perspectiva traz o reconhecimento que, de fato, os paradigmas possuem fronteiras, mas a sua definição é estabelecida de forma patológica. Deveras, é impossível estipular onde um paradigma começa e outro termina (Gioia; Pitre, 1990; Goles; Hirschheim, 2000). Nesse caso, o que há são zonas de transição em que os seus limites se tornam irreconhecíveis, conforme apontam Schultz e Hatch (1996). Essa percepção é explicitada na figura 2.

Figura 2 – Os quatro paradigmas de Burrell e Morgan com zonas de transição



Fonte: adaptado de Goles e Hirschheim (2000).

A defesa da visão multiparadigmática na pesquisa no campo da Administração advém, consideravelmente, da discussão dos paradigmas que regem a produção de seu conhecimento. Ottoboni (2009) defende que, na Administração, não há a substituição de paradigmas, que ela é multidisciplinar e como tal comporta a presença de múltiplos paradigmas, o que, em contrapartida, reflete em seu avanço, enquanto ciência, no tocante à habilidade em encontrar seu próprio caminho epistemológico, o que só é possível quando pesquisadores acreditarem na perspectiva multiparadigmática. Lima (2011) corrobora esta linha de pensamento ao afirmar que muitos dos debatedores, pesquisadores e estudiosos perdem partes significativas de

seus estudos por se dedicarem com apego a um paradigma em particular. Nesse contexto, assim como o autor, aqueles que acreditam em uma perspectiva multiparadigmática defendem que os paradigmas se complementam e que eles não devem ser descartados devido à sua incompletude. Ainda neste discurso, Teixeira, Nascimento e Carrieri (2012) defendem a importância da conversação paradigmática para lidar com os fenômenos sociais característicos das pesquisas em Administração.

Aqueles que fogem do convencionalismo do pensamento moderno adotam uma postura pós-moderna e tendem a fugir dos discursos paradigmáticos propostos por Burrell e Morgan (1979). Este tipo de postura também é denominado multiparadigmática. Hicks (2011,

p. 28) aponta tal caracterização ao afirmar que “a crítica literária pós-moderna rejeita a noção de que os textos literários têm interpretações e significados verdadeiros. Qualquer pretensão de objetividade e verdade pode ser desconstruída”. Isto é, os pós-modernistas negam aquiescência à verdade, à razão e ao poder, não se enquadrando nas estruturas filosóficas tradicionais e permitindo a adesão, exclusão ou a forma que acharem mais propícia e adequada para a compreensão de determinado fenômeno.

De acordo com Lewis e Grimes (2005, p. 72), “as abordagens multiparadigmáticas auxiliam a exploração de fenômenos particularmente complexos e paradoxais, ao ajudar estudiosos a utilizar perspectivas teóricas distintas”. Lewis e Grimes (2005) ainda chegam a fornecer um guia sobre modelos multiparadigmáticos, associando-os a diferentes abordagens em uma estratégia caracterizada pela metatriangulação para o desenvolvimento de teorias. Tal afirmação demonstra que formas híbridas de pesquisa, que envolvem a natureza multiparadigmática, por apresentar uma complexidade mais elevada, merecem maior consideração pelos pesquisadores de Administração (Lima, 2011). Talvez a baixa adesão, quando comparado ao emprego de um posicionamento paradigmático em suas rotinas de pesquisa, também se deve ao grau de dificuldade associado à sua compreensão e aplicação.

Todavia, o que fomenta tamanha desconfiança da comunidade científica nos Estudos Organizacionais em relação ao multiparadigmatismo? Lima (2011) aponta que a inexistência de um *continuum* epistemológico que faça um aporte para as situações que extrapolam as fronteiras dos paradigmas pode levar seus atores a discussões polarizadas e a antagonismos apaixonados. No entanto, Teixeira, Nascimento e Carrieri (2012) alertam que liberdade metodológica/paradigmática, ou uma conversação entre paradigmas, não deve ser confundida com libertinagem metodológica/paradigmática. A liberdade referida diz respeito ao fato de que existem

ciências e não uma grande ciência (a ciência universal), o que acaba por ampliar a ideia de um *mainstream* significativo que restringe e desencoraja as citadas conversações. Assim, no tocante à temática, torna-se inevitável destacar que debates acalorados (e dessa magnitude) não passam despercebidos. Para os ‘neopesquisadores’, estudantes de pós-graduação, circunstâncias como essas pedem prudência e não deixam de causar dúvidas na sua adoção em futuras produções científicas, o que será discutido no tópico a seguir.

4 O ESTUDANTE DE PÓS-GRADUAÇÃO E A PESQUISA ACADÊMICA: ENFIM, O POSICIONAMENTO DO ALUNO

Ao se pensar em produção científica, é importante admitir que o trabalho do pesquisador é influenciado pelo meio e pelas condições às quais ele está submetido (Serva; Pinheiro, 2009). O âmbito da pesquisa e toda a sua atmosfera auxiliam o entendimento da realização deste trabalho. Fatores como o campo de trabalho, os pares, professores, orientadores, inclusive o próprio pesquisador que, assim como argumenta Bourdieu (2004), traz, em sua bagagem, ideias, opiniões, preconceitos, interpretações e intenções, denotam o leque de questionamentos, inquietações e anseios sobre qual postura adotar e como assumi-la de maneira decisiva e confiante perante a comunidade a qual ele faz parte.

E quando esse indivíduo é um estudante de pós-graduação em formação? Não é diferente, por ser um agente da produção científica, um ser social e político, não há como se abster de um posicionamento, pautando-se pela neutralidade. Para tanto, o ideal seria prover este sujeito com experiências de leitura, discussões, confrontações, reflexões que, porventura, pudessem resultar em um possível amadurecimento que implicasse escolhas epistemológicas, metodológicas e, conseqüentemente, paradigmáticas ou multiparadigmáticas mais seguras e concretas.

Porém, em muitos casos, esta não é a realidade encontrada, principalmente no nível inicial de formação na pós-graduação: o mestrado.

Uma trajetória permeada por significados subjetivos, simbólicos e sociopolíticos são relevantes e presentes na estruturação da realidade dos indivíduos neste ambiente (Saccol, 2009), remetendo, inclusive, a jogos de poder envolvendo tais situações. Nesse sentido, desde os primórdios da humanidade, possuímos vínculos indissociáveis com espaço, tempo e jogos de poder. O poder político, nesse campo, tem influência determinante sobre qual(is) paradigma(s) deve(m) ser considerado(s) no desenvolvimento de pesquisas, demonstrando que nem só de debates epistemológicos vive o pesquisador em Administração.

Barbosa et al. (2013) evidenciam que o jogo de poder no campo da pesquisa causa interferência no desenvolvimento de estudos e trabalhos científicos, limitando a atuação de novos pesquisadores aos paradigmas que já dominam politicamente a área. De fato, esta ponderação dá margem para o que pensar. O estudante de pós-graduação, na sua trajetória e vivência acadêmica, vai ganhando experiência e musculatura à medida que imerge no desenvolvimento e na produção do conhecimento científico. Para tanto, a princípio, ele busca se apoiar em algum ponto de partida, crenças, modelos que ofereçam sustentação para dar uma continuidade substancial ao seu trabalho, o que pode direcioná-lo a uma postura paradigmática, mais comumente praticada, ou a uma visão multiparadigmática, o que, apesar de não muito recorrente, não é impossível, dado o seu grau de preparação e autoconfiança.

Ora, se os estudantes de pós-graduação, em especial *lato sensu* e *stricto sensu* em nível de mestrado, deparam-se com dificuldades no desenrolar metodológico da pesquisa, bem como no delineamento de objetivos e questão de pesquisa, imagine os conflitos que decorrem da reflexão e necessidade de posicionamento no que tange ao ser ou não ser multiparadigmático. Até a obtenção do título os desafios são vários, mas a questão que nos chama a atenção nessa

trajetória é: o debate paradigmático tem alcançado e inspirado o pesquisador iniciante e/ou inseguro a desbravar terras (mais ou menos) desconhecidas?

Com efeito, a impressão passada pelos estudantes é que, como produtores de conhecimento, possuem independência e autonomia em suas decisões de pesquisa. Por outro lado, o estudante de pós-graduação tem deveres e responsabilidades, seja com ele mesmo, com o seu orientador, com o programa a que pertence, seja, até mesmo, com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Em outras palavras, muito se espera dele. Por causa disso, sofre influências de todas as vertentes supracitadas devido às pressões existentes relativas a um sistema de avaliação onipresente e que cobra por resultados, leia-se publicações (Serva; Pinheiro, 2009).

Relembramos, também, que nem toda pesquisa realizada serve aos nossos propósitos (paixões acadêmicas), mas às estruturas produtivistas que rondam a academia; logo, a escolha do caminho a ser seguido pode, também, não refletir um maior desejo por saber, como seria à luz da formação do espírito científico (Bachelard, 1996). Diante disso, os “novatos”, termo designado por Barbosa et al. (2013) passam a ter duas alternativas: (i) a possibilidade de conformidade com o *mainstream*, em que o paradigma positivista ainda possui soberania em comparação aos demais (apesar de existir um crescente interesse no paradigma interpretativista) (Lima, 2011); (ii) o rompimento com esta lógica dominante, aventurando-se em um arranjo que fuja do que normalmente é praticado no campo (Bourdieu, 2004), o que pode refletir em uma dose de curiosidade e ousadia em se permitir atuar em uma combinação multiparadigmática.

Quando suportadas pelo orientador, decisões deste nível são bastante individualizadas e fazem parte do crescimento e da edificação evolutiva do sujeito enquanto pesquisador em formação. Embora situações dessa natureza possam gerar conflitos e dilemas

internos, auxiliam também na exploração e prática do indivíduo, trazendo uma experiência mais reflexiva e de aprimoramento na sua *expertise* acadêmica. Em outras palavras, a contemplação e possível escolha de direcionamento entre as duas abordagens, paradigmática ou multiparadigmática, pode ficar mais clarificada e assertiva conforme a maturação do ‘neopesquisador’.

Ao mesmo tempo, retomamos o raciocínio de que é necessário dissolver as estruturas restritivas para que o espírito científico apresentado por Bachelard (1996) possa se movimentar. Para tanto, há de atuar, colaborativamente, com este enfoque, isto é, professores, alunos, programas de pós-graduação e associações ou grupos de pesquisa, o que já acontece em determinados âmbitos da academia, como com o combate ao produtivismo. Também ressaltamos que essa dissolução não implica, necessariamente, a adoção de um paradigma contrário ao funcionalista ou mesmo ao multiparadigmatismo, mas à maior receptividade e abertura às possibilidades de escolha. Talvez falte uma dose de incentivo e coragem para que o estudante se sinta apto a andar com as próprias pernas e assumir seus posicionamentos sem precisar se deparar com a pergunta infame: “quem você pensa que é?”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do exposto, a proposta do ensaio aqui apresentada procurou apresentar e refletir sobre os dilemas associados à escolha da natureza paradigmática ou multiparadigmática, considerando que esta caminhada pode significar uma expansão ou limitação para o estudante de pós-graduação no panorama da pesquisa acadêmica em Administração.

Inicialmente, o percurso de todo e qualquer pesquisador tem o seu direcionamento baseado fortemente nas suas bases ontológicas e epistemológicas. Contudo, é importante destacar o alinhamento metodológico do objeto a ser estudado com a sua capacidade

de pensamento e discernimento. Em outras palavras, o delineamento da sua composição crítica. Para tanto, o exercício da leitura, investigação e interpretação de textos e dados coletados é necessário, pois são atividades como estas que auxiliam na lapidação e na construção do tom crítico, da confiança e maturidade que se espera no decorrer das pesquisas.

Nesse sentido, o ensaio procurou apresentar que, em meio às possibilidades de exploração, fica nítido que não existe uma visão única e limitada para a realização da pesquisa. A diversidade de técnicas, metodologias, epistemologias, e, principalmente, paradigmas, oferece uma alternativa ao conformismo, oportunizando uma saída das obviedades e trivialidades. O debate é bem-vindo, claro, pois independente da natureza analítica do ambiente, dos dados apurados e das situações diversas, em um primeiro momento, há um impulso natural, imediatista, casual e quase espontâneo na construção argumentativa e explicativa do pesquisador. Movimento impulsionado pelas crenças e bases filosóficas que acabam por falar mais alto, guiando a condução do trabalho de qualquer pesquisador, seja ele sênior, seja um estudante de pós-graduação.

Embora a pesquisa científica em Administração perpassa por um debate sobre a existência de uma pluralidade teórica e metodológica, o que pode ser um convite para se pensar novos caminhos, formatos e delineamentos da pesquisa, essas observações impactam na importância da relação entre a produção de conhecimento, a responsabilidade do pesquisador e dos seus valores, e do quanto suas visões de mundo podem impactar suas práticas de pesquisa. Entretanto, isso não quer dizer que a tarefa seja fácil. É a partir da experiência e das suas consequências que emerge a satisfação em se fazer a pesquisa. Isso permite fazer uma contemplação de que, na prática, cabe ao pesquisador ser o senhor do seu destino e escolher quais os seus próximos passos, seja no âmbito paradigmático, seja multiparadigmático.

Diante do exposto, cabe uma reflexão

referente à exposição feita por Silveira (2013). Para esse autor, embora a ciência viva um momento revolucionário, e não de uma “ciência normal”, é pertinente e sensato lembrar que ela é destinada a resolver problemas em um contexto metodológico, determinado, sobretudo, pela opção paradigmática ou multiparadigmática do pesquisador. Nesse sentido, enquanto pesquisador e acadêmico, o estudante de pós-graduação deve, minimamente, perceber em qual paradigma (ou combinação deles) se sustentam as suas bases metodológicas, ontológicas e epistemológicas para um melhor desenvolvimento e, se permitido, a disseminação do seu conhecimento científico.

Ademais, remetendo-se à proposição de origem deste ensaio, observamos que é impossível o pesquisador, mesmo estudante de pós-graduação em formação, ausentar-se de uma escolha paradigmática ou multiparadigmática. Este precisa orientar os seus caminhos na pesquisa, e tal escolha irá determinar a que passos ele irá tocar a sua pesquisa. O que não se pode abrir mão, sendo condição *sine qua non*, independentemente da postura adotada, é a busca do indivíduo pela primazia e pelos critérios de qualidade dos produtos da pesquisa, responsabilidade e dever que permanecem inalterados e profícuos no campo da Administração e na comunidade científica de modo geral.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, I. L. **Curso de teoria do conhecimento e epistemologia**. Barueri: Minha Editora, 2012.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARBOSA, M. A. C.; SANTOS, J. M. L.; MATOS, F. R. N.; ALMEIDA, A. M. B. Nem só de debates epistemológicos vive o pesquisador em administração: alguns apontamentos sobre disputas entre paradigmas e campo científico. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 11, n. 4, p. 636-651, 2013.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann, 1979.
- CLEGG, S.; HARDY, C. Introdução: organização e estudos organizacionais. *In*: CLEGG, S.; HARDY, C. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2010. v. 1, p. 23-57.
- DUBERLEY, J.; JOHNSON, P. Methodology: Philosophical underpinnings and their implications. *In*: MIR, R.; WILLMOTT, H.; GREENWOOD, M (ed.). **The Routledge companion on philosophy in organization studies**. London: Routledge, 2015. p. 66-83.
- GIOIA, D. A.; PITRE, E. Multiparadigmatism perspectives on theory building. **The Academy of Management Review**, v. 15, n. 4, p. 584-602, 1990.
- GOLES, T.; HIRSCHHEIM, R. The paradigm is dead, the paradigm is dead... long live the paradigm: the legacy of Burrell and Morgan. **Omega – The International Journal of Management Science**, v. 28, p. 249-268, 2000.
- HASSARD, J. Paradigms, philosophy of science and organizations studies. *In*: MIR, R.; WILLMOTT, H.; GREENWOOD, M (ed.). **The Routledge companion on philosophy in organization studies**. London: Routledge, 2015. p. 499-507.
- HICKS, S. R. C. **Explicando o pós-modernismo: ceticismo e socialismo – de Rosseau a Foucault**. São Paulo: Callis Ed, 2011.
- LEWIS, M. W.; GRIMES, A. J. Metatriangulação: a construção de teorias a partir de múltiplos paradigmas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 72-91, jan./mar. 2005.
- LIMA, L. A. de. A Representação das Múltiplas Dimensões Paradigmáticas no Estudo da Administração: um Ensaio sobre os Limites Con-

- tidos nas Defesas Paradigmáticas Excludentes. **RAC**, v. 15, n. 2, p. 198-208, 2011.
- MORGAN, G. Paradigm, metaphors and puzzle solving in organization theory. **Administrative Science Quarterly**, v. 25, n. 4, p. 605-622, 1980.
- OTTOBONI, C. Perspectivas de triangulação entre diferentes paradigmas na pesquisa em administração. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAD, 33., São Paulo, 2009. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anpad, 2009.
- SACCOL, Amarolinda Zanela. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 2, n. 2, p. 250-269, maio/ago. 2009.
- SCHULTZ, M.; HATCH, M. J. Living with multiple paradigms: the case of paradigm interplay in organizational culture studies. **Academy of Management Review**, v. 21, n. 2, p. 529-557, 1996.
- SERVA, M.; PINHEIRO, D. M. Epistemologia e sociologia da ciência da administração: uma reflexão inicial sobre os estudos do campo no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009, São Paulo. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2009. p. 1-16.
- SILVA, A. B.; ROMAN NETO, J. Perspectiva multiparadigmática nos estudos organizacionais. *In*: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO; SILVA, A. B. (org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 53-88.
- SILVEIRA, R. Z. Mãe?! O mundo vai acabar...? Reflexões sobre desdobramentos e implicações dos paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan para os Estudos Organizacionais. **CADERNOS EBAPE.BR**, v. 11, n. 4, p. 652-670, 2013.
- TEIXEIRA, J. C.; NASCIMENTO, M. C. R.; CARRIERI, A. P. Triangulação entre métodos na administração: gerando conversações paradigmáticas ou meras validações “convergentes”? **Revista de Administração Pública**, v. 46, n. 1, p. 191-220, 2012.